

EDITORIAL
LUGAR DE FALA

O conceito de "lugar de fala" tem sido amplamente discutido na sociedade contemporânea – não é à toa que a capa Comportamento & Cia traz a filósofa e ativista brasileira Djamila Ribeiro, que levantou o conceito, em 2017, na obra "O que é lugar de fala"? Esse conceito refere-se à autoridade que determinada pessoa tem (ou não) de falar e de ser ouvida. O tema surge como um alerta, exatamente, àqueles que acreditam que a meritocracia, que deságua na conta bancária e no diploma na parede, seja capaz de silenciar aqueles que guardam moedas no cofrinho e ainda não conseguiram participar de uma festa de formatura. O lugar de fala, sem dúvida, acena em favor de pessoas marginalizadas – e como "marginalizadas" entendamos pessoas que "sobrevivem às margens da sociedade".

A respeito disso, surgem mil perguntas: quem nunca passou fome está ou não capacitado para falar sobre insegurança alimentar? O branco sente a dor da discriminação sofrida pelo preto? O hétero tem elementos convincentes para manifestar-se a respeito de atitudes homofóbicas?

Ora, é certo que, para além da classe social, da etnia ou da orientação sexual, é o perfil humanitário quem deve autorizar – ou não – o falante. É imprescindível que no Brasil e no mundo tanto o palanque – aí inseridos microfone, espaço – quanto a plateia sejam, de fato, garantidos a pobres e ricos, a brancos e pretos, a héteros e não-héteros etc., etc.

Desse modo, a resposta às perguntas aqui levantadas é "sim" – é possível, ou melhor, é preciso que pessoas dotadas de inteligência e bom senso ocupem os mais diversos lugares de fala. Só para exemplificarmos, não existe a remota hipótese de Sílvio Almeida, advogado, filósofo, professor universitário e ex-Ministro de Estado dos Direitos Humanos, ser socialmente aceito para falar apenas sobre assuntos no entorno do preconceito racial; de igual modo, Drauzio Varella, médico oncologista, ser socialmente aceito para falar apenas sobre assuntos ligados à quimioterapia. Convenhamos: o pressuposto "lugar de fala" deve ser estratégia para agregar e não para silenciar vozes. Todos temos o direito, a liberdade de falar e, mesmo apesar da surdez voluntária de determinados segmentos sociopolíticos, todos eles têm de nos ouvir.

Nosso lugar de fala é o universo. Contudo, que fique ressalvado: aquele que, levantando a voz, pretender trazer à tona desinformações, ofensas, ódios ou quaisquer outras situações que firam os direitos humanos, que se cale, independentemente do lugar que ocupe. Aliás, que se cale e que desocupe o lugar!

(Por Gislaine Buosi)